



Delfim insiste: os juros vão baixar.

O recente aumento dos derivados do petróleo e do álcool não aumentarão a inflação de outubro; o último pacote de restrições econômicas do governo não aumentará os juros do crédito ao consumidor, antes, pelo contrário, os juros deverão baixar; essas mesmas restrições não afetarão as pequenas e médias empresas, mesmo porque "não houve nenhuma redução do crédito, mas um aumento do compulsório que só opera na margem, isto é, nos acréscimos de crédito; e o Produto Interno Bruto (PIB), deverá crescer 2% em '82 — afinal, apesar das dificuldades muito grandes, "o Brasil é um País com grandes perspectivas, um País absolutamente viável".

Esse otimismo todo é do ministro Delfim Neto, do Planejamento, que, ontem em São Paulo, voltou a comentar e explicar as últimas medidas restritivas do governo, adotadas, segundo ele, para evitar que os subsídios ao financiamento agrícola comprometam o esforço antinflacionário do governo.

O ministro explicou que as restrições à compra de dólares eram "absolutamente necessárias, pois estava havendo um abuso gigantesco, pois não era possível subsidiar estas viagens". O aumento dos combustíveis foram necessários, segundo disse, para evitar subsídios à gasolina. E, a propósito, o ministro disse que "nós vamos chegar ao fim do ano com a gasolina crescendo um pouco menos que os preços".

Depois de prever que o pagamento da dívida das estatais para com as empreiteiras poderá ser resolvido na semana que vem, Delfim criticou os que sugerem mudanças na política econômica: "Quando se está fora do governo sempre se tem soluções maravilhosas para os problemas do governo. Quando se está no governo é que se vê como é difícil encontrar estas soluções. Não existe nenhuma mágica. Se existisse, o governo já teria feito. Não existe nenhum modelo alternativo para resolver a crise. Se existisse, nenhum país ficaria sofrendo a crise. Para quem está fora do governo é fácil encontrar soluções, exatamente porque não tem problema. Do lado de dentro, quando se tem problemas, a solução é difícil" — insistiu o ministro, acrescentando que "quando alguém apresenta uma solução fácil é porque ele, primeiro, facilitou o problema".

A resposta do MIC

Na entrevista exclusiva publicada ontem pelo *Jornal da Tarde* e *O Estado*, Delfim Neto criticou a siderurgia estatal (o grupo Siderbrás), afirmando que, ao contrário das empresas privadas, elas não reajustaram seus custos quando a demanda de aço caiu, e, agora, estão chorando. "Você não viu o dr. Antunes, o Johannpeter chorando", ainda acrescentou o ministro.

Desgostoso com essas declarações, o ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Pena, não quis comentar nada. Mas seu secretário-geral, Marcos José Marques, respondeu que, embora as estatais do grupo Siderbrás estejam executando planos de redução de gastos, com a queda da receita dessas empresas, por causa da recessão econômica de quase dois anos consecutivos, os prejuízos tornaram-se inevitáveis.

Por sua vez, o presidente da Companhia Siderúrgica de Tubarão, Arthur Gerhardt Santos, que compareceu ontem à solenidade de assinatura de contrato entre a empresa e o grupo João Santos, de vitória, para construção de uma usina de reprocessamento do lixo da usina, disse que não há o que temer quanto à capacidade de o Brasil competir no mercado mundial de aço.

— Estamos investindo muito agora, é verdade, mas não temos dúvidas de que colocaremos todos os nossos produtos no mercado, com tranquilidade —, disse. Na sua opinião, quem está preocupado são os países industrializados, exceção o Japão, pois seus parques siderúrgicos, antigos, não têm condições de competitividade com as modernas usinas em construção no Brasil.

A construção da usina de processamento do lixo da siderúrgica de Tubarão custará Cr\$ 10 bilhões e será montada — o governador garantiu — com recursos próprios, sem precisar de aporte do Tesouro ou de captação de recursos externos.

O presidente da siderúrgica, porém, confirmou que a usina vai captar US\$ 100 milhões no Exterior, neste segundo semestre, para completar seu orçamento, de Cr\$ 143,3 bilhões. Dos US\$ 100 milhões,

disse, US\$ 15 milhões já estão asssegurados com bancos ingleses, e outros US\$ 50 milhões estão em fase de negociação, "mas até final de outubro conseguiremos levantar os US\$ 35 milhões restantes". Na pro-

xima semana, uma delegação da Siderbrás viajará ao Japão para acertar esse empréstimo que falta, disse.